

MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM:

**A influência familiar na vida escolar dos alunos da E. M. Raimundo
Nonato Bogéa Ribeiro**

**MOTIVATION AND LEARNING: the family influence in the school life of the
students of E. M. Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro**

**MOTIVACIÓN Y EL APRENDIZAJE: la influencia sobre alumnos de la escuela
de la vida familiar E. M. Nonato Bogéa Ribeiro**

Ana Meire da Silva Sá

Licenciada em Letras Português/Inglês e Especialista em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Grajaú – MA.
ameiresa@hotmail.com

Recebido para avaliação em 02/03/2017; Aceito para publicação em 20/04/2017.

RESUMO

Muitos são os debates em torno da aprendizagem e do desempenho escolar dos educandos de modo geral. Sob essas discussões, está presente um aspecto muito importante, que é a satisfação do aluno em participar ativamente das atividades que lhes são propostas. Isto é, a motivação, compreendida como um fator psicológico, impulsiona-o a querer, a ter vontade de alcançar objetivos e encarar desafios. Nesse sentido, esta pesquisa tem o objetivo de colocar em pauta a importância do fator motivação para a aprendizagem, demonstrar em que nível esse fator está presente no cotidiano escolar dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, Grajaú – MA, bem como apresentar dados da pesquisa com os discentes sobre o que ou quem lhes provoca motivação para estudar. Para a construção deste trabalho, buscou-se uma análise fundamentada em teorias e levada à prática pela observação do ambiente escolar e aplicação de questionário, a fim de perceber a satisfação dos sujeitos envolvidos e compreender o que os autores abordam sobre o tema. Faz-se importante aprofundar os conhecimentos acerca da motivação, a qual, muito significativa no eixo ensino/aprendizagem, representa, pois, um imprescindível mecanismo para melhorar a educação e alavancar melhores resultados de aprendizagem e desempenho dos discentes.

Palavras-chave: Aprendizagem; Escola; Motivação.

ABSTRACT

Nowadays, there are many discussions around the learning and school performance of students in general. In these arguments, there is a very important aspect, the student's satisfaction by actively participating in the activities proposed to him, that is, his motivation, the psychological factor which leads him to want and seek to achieve the desired goals and challenges. This research aims to: (a) highlight the motivation factor importance for learning; (b) demonstrate at what level this factor is present in the daily routine of elementary school students of the Municipal School Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, Grajaú City, Maranhão State (MA), Brazil; and (c) present the research data with the students about what or who motivates them to study. For constructing this work, analysis based on theories was used, the school environment was observed, and a questionnaire was applied to perceive the involved subjects' satisfaction and to understand the authors' considerations on the subject. Further study is needed about the motivation, theme

considered very significant in the teaching/learning axis by the theorists, who emphasize that the motivation is essential for learning.

Keywords: Learning; School; Motivation.

RESUMEN

En la actualidad, muchos son los debates en torno del aprendizaje y desempeño escolar de los educandos en general. En estas discusiones, está presente un aspecto muy importante que es la satisfacción del estudiante a participar activamente de las actividades que se les proponen, es decir, su motivación que es comprendida como un factor psicológico que lo impulsa a querer, a tener ganas de alcanzar objetivos y enfrentar los desafíos. Esta investigación tiene el objetivo de poner en pauta la importancia del factor motivación para el aprendizaje, demostrar en qué nivel ese factor está presente en el cotidiano escolar de los alumnos de la enseñanza fundamental de la Escuela Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, Grajaú - MA, así como datos de la investigación con los discentes sobre qué o quién les provoca motivación para estudiar. Para la construcción de este trabajo se buscó un análisis fundamentado en teorías y llevado a la práctica por la observación del ambiente escolar y aplicación de cuestionario, a fin de percibir la satisfacción de los sujetos involucrados y comprender lo que los autores abordan sobre el tema. Es importante profundizar los conocimientos sobre la motivación que es muy significativa en el eje enseñanza / aprendizaje, pues entre los estudiosos hay énfasis de que la motivación es imprescindible para el aprendizaje.

Palabras clave: Aprendizaje; Escuela; Motivación.

INTRODUÇÃO

Considerando o atual contexto da educação, este trabalho visa colocar em pauta a importância da motivação para a aprendizagem, bem como demonstrar em que nível esse fator está presente no cotidiano escolar dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, Grajaú – MA. A presente pesquisa visa também averiguar junto aos discentes o que ou quem lhes provoca motivação para estudar.

Assim sendo, traz-se a lume um tema exponencial no que diz respeito à aprendizagem. Por isso, a maneira mais conveniente de analisar a problemática da falta de motivação, tão incômoda, é a realização de uma pesquisa com os alunos, isto é, tomar posição lado a lado dos estudantes da Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, para sondar seus interesses, suas expectativas, suas realizações e/ou seu contentamento quanto às práticas de sala de aula.

Nesse ponto, pode-se pensar: O que pode motivar os educandos para que a aprendizagem seja eficaz? É muito comum ouvir alunos exclamando: “por que temos de estudar tudo isso”? Eis aí uma pergunta relacionada à motivação, e, enquanto não for respondida, não haverá sentido em “o que” ou em “como” estudar.

Olhando para o contexto escolar, que vive a angústia da desmotivação, percebe-se que essa realidade está presente na Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, a qual conta com alunos motivados e alunos desmotivados. E foi esse fato provocativo que

culminou para a observação da postura tanto do discente quanto do professor. Isto é, foi o fio condutor para chegar-se a este trabalho. Nesse sentido, várias indagações são pertinentes: Será que os alunos são motivados a aprender? Será que se sentem aceitos pelo professor? Será que lhes são dadas possibilidades de autoria? Será que percebem entusiasmo no professor?

Em outras palavras, o escopo deste estudo assenta-se na tentativa de sondar o nível de motivação dos educandos desta escola, para, de fato, se examinar o que provoca o oposto, a desmotivação. Segundo Piletti (2013), existem vários agentes que afetam a aprendizagem, entre eles enfatizam-se quatro, dos quais o professor é o primeiro em destaque. Com os resultados da pesquisa postos em pauta, pretende-se que a escola, como um todo, se posicione de forma analítica frente à realidade, o que requer uma postura crítica, com vistas à participação mais ativa de ambas as partes: educador e educando.

A pesquisa é compreendida como um instrumento de investigação de casos, situações, ocorrências ou fenômenos, um instrumento de estudo das possibilidades para entender a realidade, como meio de apurar fatos e, por fim, apontar possíveis soluções para certos problemas, no caso, o problema posto em questão.

Segundo Prestes (2002), em sentido amplo, a palavra pesquisa designa o conjunto de atividades que têm como finalidade descobrir novos conhecimentos, seja em que área ou em que nível for. Para os propósitos do trabalho, interessa o conceito de pesquisa científica: investigação feita com a finalidade de obter conhecimento específico e estruturado a respeito de determinado assunto, resultante da observação dos fatos, do registro de variáveis relevantes para futuras análises. É um processo reflexivo, sistemático, controlado e crítico que leva a descobrir novos fatos e a perceber as relações estabelecidas entre as leis que determinam o surgimento desses fatos ou a sua ausência.

A propósito, foram utilizadas as duas abordagens, qualitativa e quantitativa, nas quais os dados coletados serviram para gerar os percentuais, a partir dos quais se buscou uma interpretação o mais próximo possível da realidade. Foi um estudo de caso por se tratar de pesquisa com amostragem, portanto exigiu um estudo minucioso e até exaustivo para se chegar ao resultado.

É importante pontuar aqui algumas características que diferenciam as abordagens: quantitativa e qualitativa. A pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo e dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. E trabalha as hipóteses com rigor. Já a qualitativa tem um nível maior de abstração,

busca interpretar e compreender o objeto sem se preocupar com a representatividade numérica.

Mesmo com características distintas, ambas estão presentes na pesquisa, podendo, de acordo com a aplicabilidade, cada uma se intensificar ou predominar face ao objeto de estudo, os aspectos e o contexto. Assim, “a reflexão contínua, obviamente, não é específica da pesquisa qualitativa; deve acontecer em qualquer pesquisa científica” (GÜNTHER, 2006).

Pelo ponto de vista de Gerhardt e Silveira (2009), no campo da pesquisa científica, o que importa, acima de tudo, é que um bom trabalho que busca a verdade, não a verdade absoluta, mas a que permite questionar e se aprofundar incessantemente pelo desejo do pesquisador de compreender de forma mais justa a realidade em que se vive.

No concernente ao público-alvo, a pesquisa foi realizada com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da referida escola, cujos estudantes se encontram na faixa etária de 13 anos, os quais foram sondados através de questionário de fácil compreensão, constituído como instrumento para avaliar o que se pretende.

Os resultados foram apresentados em percentuais interpretados e comentados, de forma que se identifique a resposta sobre o que ou quem motiva os alunos a irem à escola e, ao mesmo tempo, verificar-se o grau de motivação destes em relação ao seu dia a dia em sala de aula.

Este artigo está permeado de provocações referentes à motivação e aprendizagem do aluno e apresenta, em sua tessitura, os seguintes tópicos: a) motivação e aprendizagem: conceito e natureza; b) a aprendizagem e os elementos motivadores.

MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM: conceito e natureza

Quando se pensa em motivação, algumas indagações podem surgir em torno de resultados: o que leva alguém a concretizar algo? O que faz alguém a ir além dos propósitos e realizar uma ação? Por que pessoas executam uma mesma tarefa de forma tão diferente? A priori, tais questionamentos exigem uma observação minuciosa do processo ou fator motivacional que desperta esses impulsos no indivíduo, levando em conta uma determinada situação ou contexto.

O termo motivação tem sido mencionado com frequência no contexto educacional. Palestras e estudos acerca do tema têm ganhado espaço nos últimos anos na expectativa de

compreender, de forma mais detalhada e específica, as características e os efeitos da motivação.

Os autores Boruchovitch e Bzuneck (2009) trazem dados de que esse tema era pouco estudado até os anos 80 e que, a partir de então, começou um período de intensa pesquisa psicológica em todo o mundo sobre motivação no contexto escolar. Os autores supracitados pontuam o significado e o conceito de motivação a partir da própria origem etimológica da palavra, que vem do verbo latino *movere*, dando origem ao termo motivo: “Assim, genericamente, a motivação ou motivo é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso” (BORUCHOVITCH E BZUNECK, 2009, p. 09).

Ainda sobre motivação, Piletti (2013, p. 32), ao tratar sobre os motivos e suas funções, à luz de diversas teorias com suas interpretações para a motivação, traz o seguinte conceito:

Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, quando está interessado em aprender determinado assunto, em resolver um dado problema.

Sobre aprendizagem, Piletti (2013) registra dois grandes nomes nos estudos sobre aprendizagem, o pedagogo e filósofo John Dewey e o psicólogo Jerome Bruner. Ambos contribuíram no desenvolvimento da teoria cognitiva, a qual concebe a aprendizagem como solução de problemas:

É por meio da solução dos problemas do dia a dia que os indivíduos se ajustam ao seu ambiente. Da mesma forma deve proceder a escola, no sentido de desenvolver os processos de pensamento do aluno e melhorar sua capacidade para resolver os problemas do cotidiano (PILETTI, 2013, p. 24).

Segundo Dinah Campos (1986), a aprendizagem é um instrumento que influencia para a mudança de comportamento do educando, gerando um sistema de ajustamento individual:

A aprendizagem é um processo de atividade pessoal, reflexiva e sistemática, depende do acionamento de todas as potencialidades do educando, sob a orientação do educador, a fim de que o conduzam a um ajustamento pessoal e sócio-cultural adequados (CAMPOS, 1986, p. 104).

De antemão, nota-se que motivação e aprendizagem estão imbricadas e que são pontos essenciais no que diz respeito ao sucesso escolar.

Implicações da motivação na aprendizagem

A principal questão da psicologia da motivação é: "por que o indivíduo se comporta da maneira como ele o faz?". Percebe-se a motivação como um dos fatores essenciais e imprescindíveis para o desenvolvimento do ser humano, especialmente das habilidades e das capacidades cognitivas e sociais, pois o processo do aprender não é estático, pelo contrário, está em constante evolução e inovação e deve ser, acima de tudo, motivado. A respeito da motivação, Piletti (2013, p. 31) afirma:

A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Pode haver aprendizagem sem professor, sem livro, sem computador, sem escola e sem porção de outros recursos. Mas, mesmo que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação, não haverá aprendizagem.

De acordo com o exposto, há muito o que se refletir no sentido de verificar o nível de motivação dos alunos bem como a causa dos que estão desmotivados, já que, constantemente, ressurge a pergunta: O que pode motivar os educandos para que a aprendizagem seja eficaz? Há que se intensificar e concentrar esforços neste processo de pesquisa, explorando todas as possibilidades oriundas das respostas, a fim de desvendar com a máxima exatidão aquilo a que a pesquisa se propõe.

Quando se trata do dia a dia de sala de aula, muitas são as prerrogativas sobre o porquê de determinados alunos estarem desestimulados, apáticos, tornando a rotina cansativa tanto para o educador quanto para o educando, uma vez que ao final se espera um bom resultado. Todavia, para alcançá-lo, tem que se repensar o processo educativo, que deve estar afinado com o fator motivação, a qual gera um bom desempenho conforme a visão de Boruchovitch e Bzuneck (2009, p. 12):

Mas a motivação, mediante seus efeitos imediatos de escolha, investimento de esforço com perseverança e de envolvimento de qualidade, conduz igualmente a um resultado final que são os conhecimentos construídos e habilidades adquiridas, ou seja, em última instância, ela assegura a ocorrência de produtos de aprendizagem ou tipos de desempenho socialmente valorizados.

Assim sendo, vê-se que a motivação é um tema de interesse para o contexto educacional, visto que se debate em larga escala a criticidade da educação brasileira, que apresenta baixo patamar no que diz respeito à aprendizagem, que, por sua vez, está atrelado ao nível de motivação. Neste ponto, Boruchovitch e Bzuneck (2009, p. 13) explicitam:

A motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco.

Diante do baixo rendimento de vários alunos e de uma série de alegações dos educadores, tais como: aluno com a tarefa sem responder, desatenção em sala de aula, conversas paralelas e mais uma série de questões elencadas, vêm à tona muitos questionamentos, para os quais se buscam respostas. Questiona-se então: seria isso um sintoma de desmotivação? Até que ponto o aluno está envolvido com o conteúdo ministrado? De que forma os estudantes experimentam o sentimento de realização, o sentimento de autoria? Quando é que o aluno exerce sua autonomia?

Tendo em vista o leque de interrogações, precisa-se averiguar as causas que provocam toda essa situação com o propósito de apontar possíveis soluções para tantas inquietações.

Aprendizagem na perspectiva da sala de aula

O foco é a aprendizagem dos alunos. Mas como operar uma aprendizagem com qualidade se no próprio campo de pesquisa se ouvem as tão costumeiras alegações: os alunos não leem bem, não demonstram tanto interesse, não realizam todas as tarefas. E há ainda quem seja mais ousado em afirmar que muitos alunos não querem nada. Sob essas afirmações, vale a abordagem do professor Marcos Meier no livro *Desenvolvimento Cognitivo e a Aprendizagem Escolar* onde escreve um capítulo com o tema: Como motivar seus alunos. O autor aponta que a reclamação do corpo docente quanto ao desânimo dos alunos é geral. De acordo com Meier (2010, p. 53):

Muitos professores universitários reclamam que seus alunos estão muito desanimados, não querem “nada com nada”, não se esforçam, e, quando instigados a fazer alguma pesquisa, justificam-se com a já consagrada frase: “É muito empenho!”. Fazem o mínimo necessário para serem aprovados ao final do ano letivo e, quando apresentam algum trabalho, seus textos são “infantis” de tão superficiais.

E o autor prossegue em sua explanação questionando esse problema, se essa situação é alguma “síndrome da mediocridade” que está assolando os adolescentes da atualidade. Mas o fato é que a desmotivação afeta desde o ensino fundamental, passa pelo ensino médio e chega até ao ensino superior. “Obviamente há exceções, no entanto, a maioria dos professores relata o marasmo”, comenta Meier (2010, p. 53-54).

É cabível, então, pensar no que seria o antídoto da desmotivação, a motivação da aprendizagem, classificada em dois tipos: a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca refere-se a tudo que é interno: aprendizagem motivada pelo desejo de satisfazer uma

necessidade, uma curiosidade, um interesse ou reforçar o valor próprio. A exemplo dessa motivação, temos ideias, objetivos, relacionamentos que devem receber ajuda do professor para que se desenvolvam. Muitas vezes, a motivação é mais importante que o conteúdo da matéria a ser dada. A extrínseca consiste na necessidade de motivação externa para que o aluno se interesse pela matéria. O professor precisa saber provocá-la, por exemplo colocar uma estrelinha na ficha do aluno que conseguiu memorizar o assunto.

O ambiente escolar precisa estar em constante observação, principalmente na questão que lhe é primariamente pertinente: a aprendizagem escolar. A sala de aula é o espaço peculiar do professor, onde pode atuar com desvelo, buscando sanar suas próprias inquietações face ao baixo desempenho dos alunos, fato denominado fracasso escolar, em decorrência, muitas vezes, da falta de motivação.

Boruchovitch e Bzuneck (2009, p. 148) apresentam as causas do sucesso e fracasso escolar com base nas teorias cognitivas da motivação em torno da seguinte consideração: “a motivação para a aprendizagem, as emoções e as expectativas de sucesso e fracasso futuros sofrem influências das crenças dos alunos”. Sobre isso, Piletti (2013, p. 31) diz o seguinte: “um problema que existe para o professor pode não existir da mesma forma para o aluno”.

A APRENDIZAGEM E OS ELEMENTOS MOTIVADORES

Conforme já reiterado, esta pesquisa intenta colocar em pauta a importância do fator motivação para a aprendizagem, bem como demonstrar em que nível esse fator está presente no cotidiano escolar dos alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro, Grajaú – MA. A instituição recebeu o nome de um professor do município de Grajaú, que, por vários anos, se dedicou ao ensino. É uma escola nova, de pequeno porte e atende uma clientela de pouco mais de 200 alunos do ensino fundamental do 6º ao 9º ano. Possui dois portões de acesso, uma área de entrada da escola que dá acesso a todos os compartimentos. É também um espaço onde os alunos transitam e conversam na hora do intervalo. A escola possui quatro salas de aula climatizadas, uma diretoria, uma sala dos professores, uma cozinha, uma despensa para armazenar a merenda escolar, um depósito para material de limpeza e banheiros. Situada na zona urbana, precisamente no centro do bairro Canoeiro, funciona nos turnos matutino e vespertino.

Na perspectiva de compreender o que estimula o estudante a ter prazer pelos estudos, uma constatação veio à tona: vários são os elementos presentes no universo da motivação, a começar no meio familiar, em que ocorre a primeira socialização, estendendo-se ao ambiente escolar. Piletti (2013, p. 46), ao tratar sobre as dificuldades escolares, afirma: “dentro da escola, encontramos, entre outros, quatro fatores que afetam a aprendizagem: o professor, a relação entre os alunos, os métodos de ensino e o ambiente escolar”.

Professor e aluno na troca de saberes

A maneira mais conveniente de elucidar a problemática da falta de motivação, tão explícita, foi realizar uma pesquisa de campo, isto é, tomar posição lado a lado dos estudantes desta escola para sondar seus interesses, suas expectativas, suas realizações e/ou seu contentamento quanto às práticas pedagógicas em sala de aula. Neste ponto, cabe pensar: o que pode motivar os educandos para que a aprendizagem seja eficaz? É muito comum ouvir alunos exclamando: “por que temos de estudar tudo isso”? Eis aí uma pergunta relacionada com a motivação, e, enquanto não for respondida, não haverá sentido em “o que” ou em “como” estudar. Piletti (2013, p. 46) aponta:

Apesar de todas as dificuldades que precisa enfrentar, cabe ao professor manter uma atitude positiva: de confiança na capacidade dos alunos, de estímulo à participação de todos, de entusiasmo em relação à matéria e de um relacionamento amistoso com os educandos.

Então, deu-se início ao processo de observação. No primeiro momento, ouviram-se os colegas professores, suas queixas, as mesmas de anos anteriores, suas inquietações de como achar um rumo para mudar a situação, mas tudo ainda está atrás de uma cortina. Foi necessária muita atenção à conduta dos alunos desde a entrada no ambiente escolar até a saída. Várias foram as perguntas dirigidas a eles, se gostavam da escola, se estavam entendendo a matéria lecionada, se se relacionavam bem com os colegas e com os professores, se eram incentivados pelos pais.

Outro passo dado para sondar a aprendizagem e, sobretudo, o grau de motivação foi a aplicação do teste de leitura, que, diga-se de passagem, é o termômetro da aprendizagem. Neste teste, constataram-se várias situações, por exemplo: alguns alunos são tímidos, outros titubeiam, mas tentam, outros decodificam muito bem, mas não interpretam e há também os que realmente interpretam.

Durante o processo, foi registrada a experiência de perceber alunos sendo encaminhados à direção e coordenação escolar sob as seguintes alegações: aluno com a tarefa sem responder, desatenção em sala de aula, conversas paralelas e mais uma série de questões elencadas. Por este ângulo, questiona-se: seria isso um sintoma de desmotivação? Até que ponto o aluno está envolvido com o conteúdo ministrado? De que forma os estudantes experimentam o sentimento de realização, o sentimento de autoria? Quando é que o aluno exerce sua autonomia? Essa série de interrogações expostas até agora foram a tônica para mais aproximação dos alunos e aplicação da pesquisa através de questionário.

Escola e família efetivando a aprendizagem

Com base nos resultados obtidos através do questionário aplicado aos discentes sobre o que ou quem lhes provoca motivação para estudar, chegou-se a alguns resultados. Vale lembrar que, durante o ano 2015, aconteceu o processo de observação e, em novembro do mesmo ano, a aplicação do questionário.

De um contingente de mais de 200 alunos, foi realizada uma amostragem com 34 discentes na faixa etária de 13 anos, do turno vespertino. Através das respostas ao questionário, com cinco questões e cada questão com três opções, constatou-se o seguinte:

Pergunta nº 01 – O que lhe motiva para vir à escola?

- 6% responderam que é o convívio com os colegas;
- 14% responderam que é a necessidade de estudar;
- 80% responderam que é o prazer de estudar.

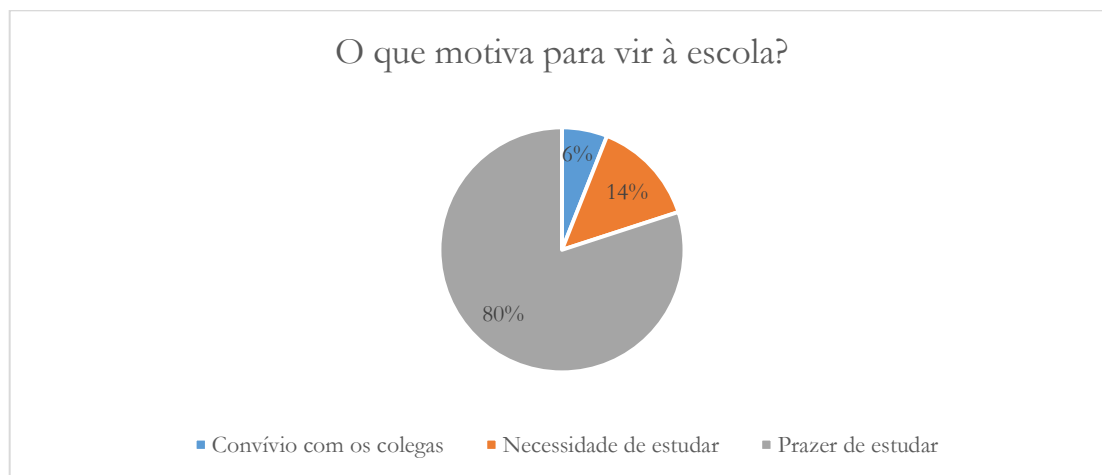


Gráfico 1 – Motivação para ir à escola.
Fonte: Pesquisa de campo.

O meio familiar e o escolar devem criar para o educando um ambiente afetivo e social propício ao seu desenvolvimento e à sua educação. Devem ainda promover na personalidade da criança o autoconceito e a autoestima, elementos que permitem o livre exercício de sua iniciativa pessoal e de sua atividade criadora.

Juntamente com Piaget, Vygotsky estudou o desenvolvimento infantil e entendeu que o processo de aprendizagem depende das condições sociais, em que se percebe, sente e explica o mundo. “Assim, a história da sociedade e o desenvolvimento do homem caminham juntos e, mais do que isso, estão de tal forma intrincados, que um não seria o que é sem o outro” (BOCK, 2001, p. 15).

Dessa maneira, acredita-se que o aluno, uma vez socializado no meio familiar, vê a escola como extensão dessa sociedade, talvez esse o fator que o leva a gostar do ambiente e, portanto, responder que tem o prazer de estudar.

Pergunta nº 02 – Quem mais o(a) incentiva a estudar?

- 2% responderam que é a mídia;
- 8% responderam que são os professores;
- 90% responderam que é a família.

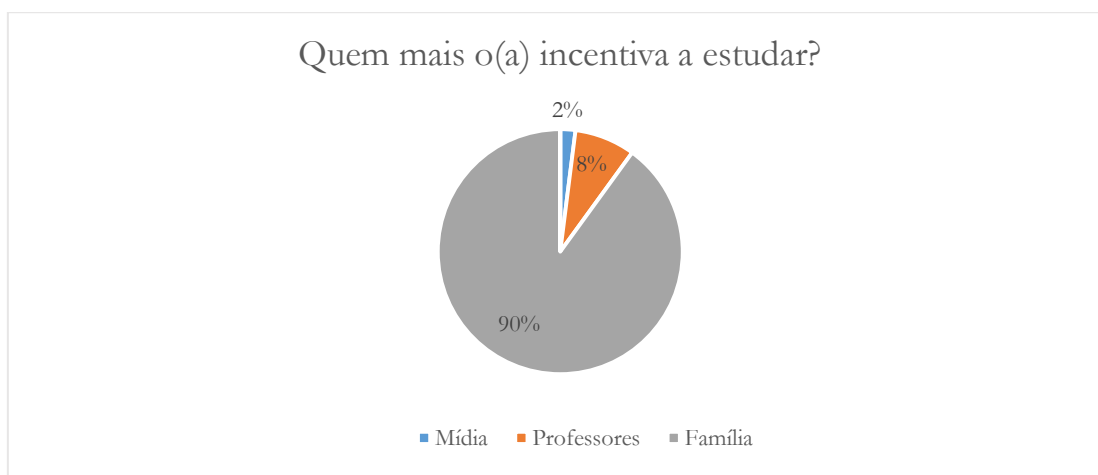


Gráfico 2 – Incentivo para estudar.
Fonte: Pesquisa de campo.

Para pensar de forma mais contundente sobre a motivação para a aprendizagem, sobre o papel do professor e as responsabilidades que lhe são atribuídas como mentor do aprendiz em sala de aula, é importante focar nos estudos de Vygotsky, um expoente nas

pesquisas acerca do desenvolvimento humano, cuja experiência em sala de aula o levou às investigações práticas com seus alunos e à produção de obras sobre os aspectos psicológico e pedagógico.

No concernente ao desenvolvimento humano, percebe-se que Vygotsky tem o pensamento voltado para a dimensão social, ou seja, é no meio social que o homem se desenvolve. Em seus estudos, o homem é posto como um ser que se forma em contato com a sociedade. Cole (2007) enfatiza que na medida em que a criança imita os mais velhos em suas atividades padronizadas culturalmente, ela gera oportunidades para o desenvolvimento intelectual. Nota-se que a teoria sociointeracionista tem como base os aspectos sociais: “Na ausência do outro, o homem não se constrói”. A família é o primeiro meio social do ser humano. Meier (2008) no livro *Sapatos e Letras* aborda sobre a relação de pais com os filhos, cujo convívio, sendo constante, produz neles a qualidade emocional necessária para enfrentar a vida e suas dificuldades. Comenta ainda que uma das causas da desmotivação é o excesso de proteção da família (pai ou mãe), fato que impede o desenvolvimento da autonomia, da persistência e da independência. Cabe aqui pensar no potencial da família como mediadora da aprendizagem dos filhos.

Bock (2001) denota que Piaget e Vygotsky são importantes pelas produções teóricas e implicações práticas de suas proposições no campo da educação. Através de pesquisas, assinalaram, com rigor investigativo, os traços fundamentais do pensamento infantil. No desenvolvimento cognitivo da criança, observou Piaget, na evolução intelectual, quatro estágios genéticos, que vão desde o 1º ano de vida até a adolescência. São eles: sensório-motor, pré-operatório, operações concretas e as operações formais.

No período pré-operatório (a 1ª infância – 2 a 7 anos), destaca-se o aparecimento da linguagem, que trará modificações nos aspectos intelectual, afetivo e social da criança, bem como acelera seu pensamento. A interação e a comunicação são os atos mais evidentes da linguagem. No aspecto afetivo, surgem os sentimentos, sendo que um dos mais relevantes é o respeito da criança pelos que julga superiores a ela: seus pais, seus professores. É um misto de amor e temor. Seus sentimentos morais refletem essa relação com os adultos significativos – a moral da obediência –, em que o critério de bem e mal é a vontade dos adultos.

Por essa ótica de Piaget, visualiza-se a importância e a influência da família sobre seus filhos. Pode ser essa influência que motiva os alunos a estudarem, conforme foi observado no percentual da pesquisa.

Pergunta nº 03 – Em que situações você lê na escola?

- 22% responderam que sempre que encontram um texto ou assunto interessante;
- 27% responderam que é somente quando o professor solicita;
- 51% responderam que leem em qualquer situação para adquirir conhecimento.

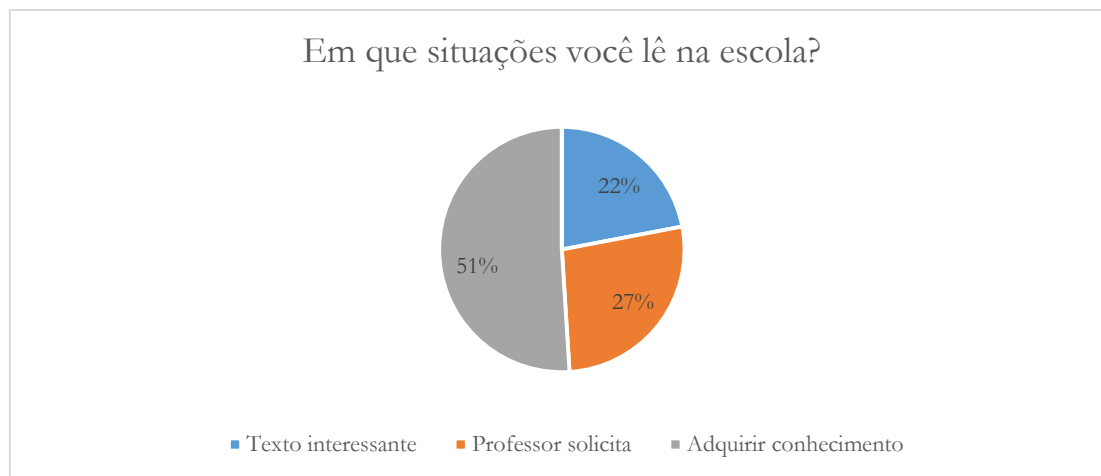


Gráfico 3 – Leitura na escola.

Fonte: Pesquisa de campo.

O estudo da conduta humana revela que o autoconceito se caracteriza pela representação que a pessoa tem de si mesma como a percepção de competência ou de autoeficácia. Já a autoestima refere-se à avaliação afetiva que a pessoa faz de si mesma, ou seja, como a pessoa se valoriza e se sente em relação às características que se atribui.

É oportuno esclarecer que o autoconceito indica o conhecimento que a pessoa tem sobre si mesma (“sei que sou hábil escrevendo”). E a autoestima implica a avaliação afetiva do próprio eu, isto é, como a pessoa se sente em relação aos diferentes atributos ou dimensões que comportam o autoconceito construído (“agrada-me o meu aspecto físico; sinto-me feliz tal como sou”).

Piletti (2013) comenta que os métodos didáticos favorecem a livre participação dos alunos, a troca de ideias, a busca pelo conhecimento, tudo isso culminando na aprendizagem e no desenvolvimento. E diz mais: é o exemplo do professor que vai influenciar o comportamento dos alunos.

Pergunta nº 04 – Por que você realiza as tarefas de sala de aula?

- 18% responderam que têm prazer em realizá-las;

- 30% responderam que é para cumprir o dever de estudante;
- 52% responderam que é para obter nota e serem aprovados.

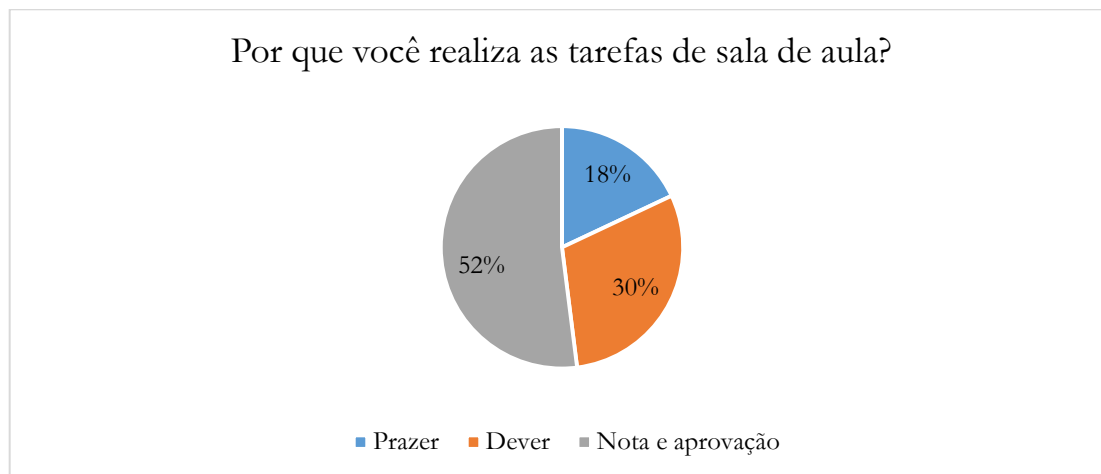


Gráfico 4 – Motivo das realizações das tarefas em sala.
Fonte: Pesquisa de campo.

Na visão de Piaget e Vygotsky, a conduta dos professores, dos pais e das pessoas que convivem com a criança exerce dentro do processo de ensino-aprendizagem uma influência marcante e decisiva no autoconceito que ela vai construindo, como a imagem física de si, a percepção da própria capacidade de aprendizagem e a aceitação social. De fato, o autoconceito influi, de modo decisivo, na maneira pela qual o aluno enfrenta as tarefas escolares e, conseqüentemente, nos resultados de aprendizagem alcançados.

A avaliação afetiva da criança, quanto às habilidades para enfrentar a aprendizagem em um conjunto de ensino, parece desempenhar um papel determinante no nível de autoestima da maioria das pessoas. Caso a avaliação afetiva que o aluno faz de si mesmo seja baixa, tanto as expectativas positivas quanto negativas do professor podem chegar a afetar o aluno de maneira significativa, interferindo em seu rendimento escolar.

Aqui o índice está preocupante, pois, embora na primeira questão a resposta demonstre que os alunos têm o prazer de ir à escola, nesta pergunta apresentam uma certa apatia em relação às tarefas. Piletti (2013), tratando da educação criativa, diz que a escola, em geral, e o professor, em particular, podem estimular o educando a desenvolver a sua criatividade.

Pergunta nº 05 – Como você considera as atividades de sala de aula?

- 10% responderam que consideram simples e fáceis de responder;
- 27% responderam que consideram como revisão de conteúdo;
- 63% responderam que consideram as atividades criativas e desafiadoras.

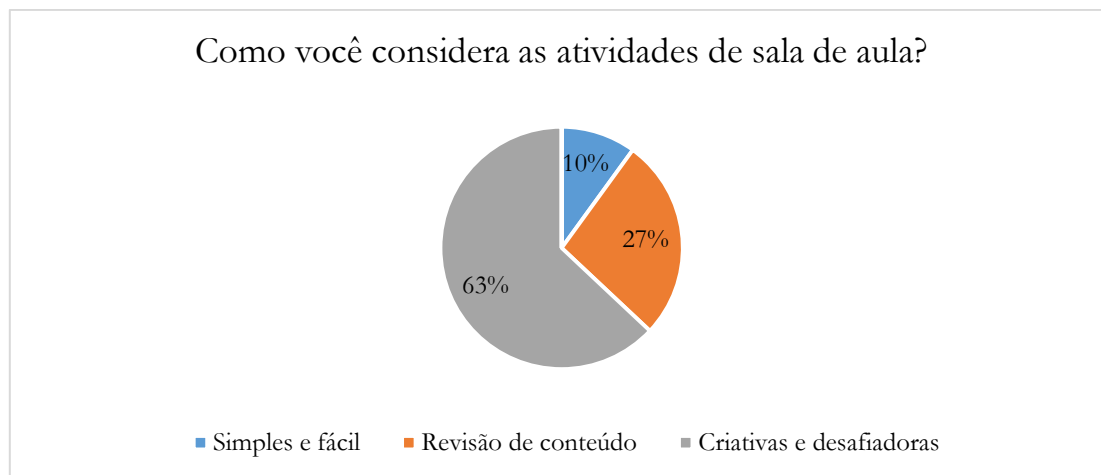


Gráfico 5 – Visão dos alunos sobre atividades em sala.
Fonte: Pesquisa de campo.

Manter um autoconceito e uma autoestima (avaliação elevada de si mesmo) razoavelmente positiva é, sem dúvida, um dos êxitos cruciais do desenvolvimento psicológico. César Coll Salvador declara: “Em geral, existe um considerável consenso na afirmação de que um autoconceito e uma autoestima positiva e ajustada associam-se a resultados de aprendizagem melhores” (SALVADOR, 2000, p. 98).

O resultado aponta dois aspectos surpreendentes. Primeiro, a maioria dos alunos afirma que vai à escola pelo prazer de estudar. Depois, a maioria afirma que quem mais incentiva quanto aos estudos é a família. E logo em outra questão, a metade respondeu que realiza as tarefas escolares para obter nota e ser aprovado.

São dados reveladores: O prazer do aluno ou a motivação de ir à escola e assistir a cinco horários de aula por dia, “ouvindo” conteúdo de várias disciplinas e respondendo tarefas, vem quase que exclusivamente da família, esta que, por sua vez, conscientiza os filhos da necessidade de estudar para ser “alguém na vida”. Por exemplo, ao se ter uma conversa informal com os pais sobre a situação escolar do filho, percebe-se que a maioria manda os filhos para a escola para executar todas as tarefas para obterem notas, serem aprovados ao fim do ano letivo, prosseguirem os estudos e terem um bom futuro.

Está presente nestas entrelinhas de conversa a voz dos pais conscientizando o filho da necessidade de estudar. Tal fato foi evidenciado pelos alunos sondados quando 90%

assinalaram que “quem” mais incentiva é a família. A primeira e a segunda questão, “o que” e “quem” motiva a vir à escola e incentiva a estudar, têm uma grande conexão entre si. De acordo com os resultados obtidos, os alunos têm o prazer de estudar porque são incentivados pelos familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) prevê que a educação básica tem por finalidade assegurar ao educando formação necessária ao exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. De maneira mais específica, prevê ainda que o ensino fundamental objetiva a formação básica do cidadão, partindo do desenvolvimento da capacidade de aprender e tendo como meio básico o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo. Eis o papel da escola: investir na qualidade da aprendizagem. A propósito, cabe aqui pensar na figura do professor como principal mediador e motivador do processo de ensino-aprendizagem.

Acredita-se que a família é a principal responsável em imprimir nos filhos a boa conduta, os princípios e os valores, bem como está imbuída do dever de incentivar, acompanhar e participar do aprendizado escolar dos filhos. Por outro lado, conforme Piletti (2013, p. 49), a escola precisa estar consciente dos problemas familiares nos aspectos econômicos, emocionais e culturais, que acabam afetando o processo de aprendizagem de crianças e adolescentes. O autor ainda acrescenta: “Compreender tais problemas constitui o ponto de partida do trabalho do professor”.

Paulo Freire se reporta ao perfil do educador que, de acordo com a concepção bancária, é aquele que tem o papel de simplesmente “encher” os educandos de conteúdo; o de fazer depósitos de “comunicados” – falso saber. Nesse caso, o intuito é controlar a ação dos homens e oprimi-los, distanciá-los de seu poder de criação. “Quando, porém, por um motivo qualquer, os homens se sentem proibidos de atuar, quando se descobrem incapazes de usar suas faculdades, sofrem” (FREIRE, 1987).

Na verdade, o aluno, para se sentir motivado, precisa exercer sua autonomia. Ação que só é possível pela intervenção, mediação, motivação e permissão do professor. Deve haver um olhar atento ao resultado da sondagem e ao teor das interrogações que permeiam esse processo.

Percebe-se que a figura do professor como motivador ficou oculta na pesquisa, quando na questão 02 apenas 8% dos alunos assinalaram que são incentivados pelos

professores a estudar. Tal revelação provoca mais uma indagação: Por que, então, os professores não são, neste caso específico, os principais motivadores? Não se sabe a causa, talvez seja um aspecto gerador de tema para uma nova pesquisa.

Os estudos de Vygotsky muito devem interessar ao profissional da educação, por apresentar vários pontos do desenvolvimento humano. Ele buscou de forma criteriosa e detalhada a compreensão do homem como corpo e mente, ser biológico e social, membro da espécie humana e participante de um processo da história na evolução humana. (GALVÃO, 2015).

O interacionismo presente na teoria vygotskyana envolve organismo e ambiente numa influência recíproca e na evolução do conhecimento adquirido justamente nessa relação meio e organismo. Marca-se a história do comportamento do homem desde sua infância pelo contato e pela vivência em sociedade, levando em conta a relação dialética entre o sujeito e a sociedade, pois o homem modifica o meio e ao mesmo tempo é modificado por ele.

Observando a teoria desse proponente da Psicologia cultural-histórica, fica evidente que a sua base é a mediação. Então, qual o papel do professor no contexto escolar? O professor é, de fato, o ator principal para mediar o ensino-aprendizagem do aluno, sendo um facilitador do processo de ensino. Por outro lado, a escola também deve exercer seu papel de ambiente propício à aprendizagem, visando à autonomia intelectual e moral do aprendiz. É responsabilidade dos educadores observar e investigar os conhecimentos que os alunos trazem, já que eles não são uma tábula rasa. O professor deve intervir para reorganizar tais conhecimentos.

Em busca de uma percepção mais apurada, os objetivos propostos foram concretizados: pesquisar o nível de motivação dos alunos da E. M. Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro; investigar o que motiva os alunos a virem à escola; averiguar quem mais os incentiva a estudar; verificar o grau de satisfação dos discentes em relação ao seu dia a dia em sala de aula. Por todos esses aspectos, o estudo serviu para compreender melhor sobre o prazer do aluno ou a motivação de ir à escola e assistir a cinco horários de aula por dia, “ouvindo” conteúdo de várias disciplinas e respondendo a tarefas.

Na experiência da pesquisa de campo, foram usados dados bibliográficos para embasamento e comparações, assim como foram aplicados questionários para uma turma de 34 alunos como amostragem. Foi uma pesquisa aplicada com a finalidade de enveredar em busca de novos conhecimentos para um tema já conhecido e aqui específico da Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro.

Foi necessário ouvir os colegas professores, suas queixas, suas inquietações para pensar numa estratégia que possa nortear a situação. Ou seja, precisa se pensar em como eles podem ser beneficiados com a pesquisa, na contribuição do presente estudo para o conhecimento existente e para a ciência. Foi viável iniciar enveredando pelo processo de observação do ambiente escolar, quanto à conduta dos professores também, sua interação desde a entrada até a saída. Algumas perguntas foram direcionadas a eles.: se gostam da escola, se gostam da matéria que ministram, se se relacionam bem com os colegas e com os alunos, se são incentivados não só pelos salários.

Grosso modo, esta pesquisa foi de cunho exploratório, tendo em vista o escopo de sondar a aprendizagem e, principalmente, o grau de motivação dos estudantes da Escola Municipal Raimundo Nonato Bogéa Ribeiro. Levando-se em conta o que foi observado, a relevância do estudo para a pesquisadora consistiu no conhecimento sobre a fonte da motivação e da aprendizagem, que vem quase que exclusivamente da família, esta que, por sua vez, conscientiza os filhos da necessidade de estudar para ser “alguém na vida”. Logo, acredita-se que o contexto social do discente tem sido mais decisivo na relação ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B. [et al.]. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (Org.). **A motivação do aluno**: contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1986.

COLE, Michael [et al.]. (Org.). **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/L. S. Vygotsky. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Pollianna. **Psicologia Histórico-Cultural**. São Luís-MA: UEMANET, 2015.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa *versus* Pesquisa Quantitativa: esta é a Questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2015.

MEIER, Marcos. **Sapatos e Letras**. Pinhais: Editora Melo, 2008.

MEIER, Marcos. Como motivar seus alunos. In : WAJNSZTEJN, Alessandra Caturani [et al.]. **Desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem escolar**: o que o professor deve dominar para ensinar bem? Curitiba: Editora Melo, 2010. Cap. 6, p. 53-60.

PILETTI, Nelson. **Aprendizagem**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2013.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. São Paulo: Respel, 2002.

SALVADOR, César Coll. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Artes Médica Sul, 2000.

.